

ENTRE LINHAS DE CÓDIGO E SANGUE

Por D. Faria

Era uma noite clara, o céu pontilhado por poucas estrelas, devido as luzes da moderna São Paulo de 2069. Duas figuras se moviam em silêncio pela rua, montadas em uma moto que ronronava gerando eco pelo meio dos prédios. Seus braços, ambos mecânicos e reluzentes, denunciavam a marca da Wichteler Enterprise. O carona, um pardo, com uma tatuagem de um cão de aço no braço direito, enquanto o que pilotava a moto parecia mais um sulista de colônia alemã, olhos claros e pele branca, além de alto. — Zé, é aqui — murmurou o carona, dando uma batida leve no ombro do condutor. — Vamos acabar com isso e vazar antes que os gambês cheguem.

O som da moto foi substituído pelo silêncio pesado da madrugada. No alto, apenas o zumbido distante dos eVTOLs, táxis aéreos cruzando o céu da grande São Paulo. Ambos os homens desceram da moto e, com um movimento sincronizado, cobriram os rostos com máscaras. O Zé se adiantou, subindo a escadaria apressadamente, enquanto o outro ficou parado na base da escadaria, a mão enfiada dentro da jaqueta, seus olhos atentos como um predador à espreita.

O prédio era um amontoado de lixo e decadência. Latas de cerveja amassadas e bitucas de cigarro espalhadas pelos cantos; uma fina camada de poeira cobria o chão, evidência de que aquele lugar não era frequentado pelos corps que dominavam a cidade. Limpá-lo? Isso era coisa de gente "lá de cima", dos que se importavam com a aparência. Ali, no entanto, tudo cheirava a abandono, pois a grana era curta.

No segundo andar, o homem parou diante da porta do apartamento 22. Com a precisão de um cirurgião, conectou o ByteBreaker na fechadura eletrônica. Em poucos segundos, a porta se abriu com um clique discreto, e ele sacou sua pistola em um movimento suave.

Ao cruzar a soleira, encontrou uma mulher ruiva, ainda envolta em uma toalha, o vapor do banho recém-terminado ainda pairava no ar ao seu redor. — Ora, ora... — sua voz saiu baixa, mas cheia de veneno. — Se não é a putinha da Eliza... Você andou dando com a língua nos dentes, agora a bala vai te calar.

Eliza tentou implorar, os olhos arregalados de pavor, mas as palavras mal saíram de sua boca. — Por favor, n...

O estampido da arma cortou o ar. A bala perfurou sua testa, e seus olhos cibernéticos, de um vermelho brilhante, piscaram uma última vez antes que seu corpo desabasse no chão, sem vida. Do sofá, um grito agudo preencheu o ambiente, ecoando pela sala.

— Mãe! Não! — A voz era de uma garotinha, não mais de dez anos, que correu para o corpo da mãe. Os cabelos curtos balançavam enquanto ela se jogava sobre o corpo, lágrimas quentes escorrendo pelo rosto pálido. Ela abraçou o corpo sem vida, soluçando desesperadamente, chamando por sua mãe, uma súplica que agora não seria mais respondida.

— Isso já é demais pra mim — disse ele, com a voz trêmula e irritada. — Sai daqui garota! Agora! — Ele se virou abruptamente, movendo-se para a cozinha. Ali, puxou uma cortina desbotada, e a levou até o fogão elétrico. Pegou uma chaleira e a colocou no fogão prendendo a cortina com o peso da chaleira. Sabia que em questão de minutos o incêndio começaria.

Ao se virar para sair, viu a garota ainda ajoelhada, abraçando o corpo da mãe. Ele deu de ombros, indiferente, e correu porta afora. Quando chegou ao térreo, encontrou Zé com o revólver em punho em alerta.

— Demorou demais, Pedroca. Vamos logo! E ainda por cima você atirou — Zé sibilou, inquieto.

— Tá, tá, fala muito... — respondeu Pedroca, com um tom displicente. Eles montaram na moto novamente, prontos para fugir. No entanto, assim que aceleraram, uma van preta surgiu como um predador nas sombras e os atingiu em cheio, jogando-os no chão. A moto derrapou e, por pouco, eles não foram esmagados contra a parede do prédio.

Do banco do motorista, um homem alto, de pele negra e cabeça raspada, saiu com uma calma assustadora. Do lado do passageiro, uma mulher de cabelo rosa curto, com tatuagens em seus braços, desceu com um taco de baseball em suas mãos. Ela lançou um sorriso cruel para os dois homens caídos, que tentavam se recompor no chão.

— Ei, Pity, cuida deles — disse o homem, já se dirigindo ao prédio. — Estou vendo fumaça lá em cima.

Enquanto ele subia as escadas, Pity se aproximou dos dois homens. Com um olhar de desprezo, ergueu o taco e desferiu um golpe seco contra a cabeça de Pedroca, que soltou um

gemido abafado antes de desmaiar. Em seguida, com a mesma precisão, acertou Zé, que não teve tempo sequer de se defender.

— Já cuidei deles, Rick — disse Pity, levando a mão ao ouvido, onde havia um pequeno comunicador embutido.

Rick não respondeu. Seus passos eram rápidos e determinados enquanto atravessava a porta da sala. O fogo, voraz e crescente, já lambia as paredes, avançando para o restante do apartamento. No meio do caos, a menina permanecia ajoelhada ao lado do corpo da mãe, suja de sangue e lágrimas.

Sem hesitar, ele correu até ela, erguendo-a nos braços. O calor crescente forçava sua retirada apressada, enquanto as primeiras faíscas saltavam pela sala e o alarme de incêndio disparava, ecoando pelos corredores do prédio.

A menina soluçava de medo e tristeza, e Rick, tentando acalmá-la, passou a mão pelos cabelos ruivos dela, fazendo um cafuné reconfortante. A voz dele saiu em um sussurro firme, enquanto seus lábios se aproximavam do ouvido da criança. — Vai ficar tudo bem — prometeu, com uma calma que tentava mascarar a urgência. — Aqueles homens não vão machucar mais ninguém.

Com passos rápidos, ele desceu as escadas, a garota ainda chorando em seus braços. Quando chegaram ao térreo, Pity os observou por um instante, seus olhos fixos na criança coberta de sangue. Uma fúria silenciosa tomou conta dela, e num frenesi, ela avançou sobre os dois homens inconscientes. Seus golpes de com taco de baseball foram brutais, esmagando seus crânios sem misericórdia. O som seco dos impactos ecoou no beco escuro, enquanto os corpos eram reduzidos a nada além de carne morta.

— Já está feito, Rick — disse ela, sua respiração pesada, enquanto jogava o taco no banco do passageiro.

Ela então pegou a garota dos braços de Rick com delicadeza inesperada e caminhou para a parte de trás da van, acomodando a menina lá dentro. Seus olhos, antes cheios de raiva, agora brilhavam com uma promessa.

— Vai ficar tudo bem, Flávia — disse ela suavemente. — Eu vou cuidar de você. Prometi isso à sua mãe.

Eles seguiram direto para a Boate das Poderosas, localizada no Brás. O letreiro em tom púrpura brilhava na escuridão, com seu símbolo icônico: dois saltos altos cruzados formando um "X", inconfundível e único na cidade. A van parou discretamente perto da entrada dos fundos, onde uma das seguranças já os aguardava. Ela vestia um short curto e um top quase transparente, o cabelo dividido em dois tons: azul de um lado e rosa do outro. Ao ver o veículo, a mulher se aproximou e deu duas batidas na janela do motorista.

Antes que qualquer palavra fosse dita, Pity saltou da traseira da van, sua presença imponente dissipando qualquer dúvida. — Relaxa, Magy. — disse Pity, abrindo os braços num gesto tranquilo. — Ele tá comigo.

— Ah, não sabia que era você — respondeu Magy, erguendo as sobrancelhas, mas seu olhar logo se fixou em Rick. — E esse cara? — questionou, desconfiada.

— Negócios da Lola. — Pity respondeu de forma firme, sem perder o controle da situação. — Agora, se não se importa, tenho que levar a Flávia pra dentro. Os desgraçados dos Cães de Aço mataram a mãe dela...

Magy soltou um assobio surpreso. — Eita... Isso explica os engravatados da WeiTech que chegaram aqui mais cedo. — disse ela, deixando escapar mais do que provavelmente devia sobre o que ocorrera durante a ausência de Pity.

Rick, já impaciente, apenas acenou com a mão, interrompendo a conversa. — Depois vocês me pagam. — disse ele, secamente. — Não tô sendo pago pra lidar com engravatados.

Ele ligou o motor da van dando tempo para Pity retirar Flávia da van e desapareceu pela rua sem olhar para trás. Pity ficou por um momento observando as luzes traseiras se distanciar, e então soltou um longo suspiro. Seus olhos se voltaram para Magy enquanto caminhavam para perto da porta da van.

— Cuida dela enquanto eu vou ver o que está acontecendo aqui — disse Pity, entregando a garota aos cuidados de Magy.

Enquanto elas entravam na boate, o ambiente escuro e abafado se abria diante delas, repleto de luzes pulsantes e um barulho ensurdecedor que parecia fazer o chão vibrar. Pity sabia que as respostas que buscava não estavam longe, e que a situação, de alguma forma, estava prestes a se complicar ainda mais.

No canto mais reservado do grande salão, na área VIP, Lola estava sentada em um luxuoso sofá de couro. Seu cabelo de tom púrpura brilhava sob as luzes coloridas da boate, e seus olhos cibernéticos azuis analisavam friamente um homem à sua frente. Ele tinha traços nitidamente chineses, vestia um terno impecável e mantinha uma postura rígida. Ao lado dele, um segundo homem, de expressão ainda mais severa, parecia quase inumano, os olhos fixos e brilhando em um tom cibernético, deixando evidente que ele era um cibernauta.

Assim que Pity se aproximou, a porta da área VIP se abriu automaticamente. Lola levantou a taça de vinho com um gesto lento e disse, sem desviar o olhar dos visitantes. — Sente-se, Pity. Temos muito o que conversar. — Pity arqueou uma sobrancelha, o olhar desafiador enquanto se acomodava na poltrona de frente para os dois engravatados.

— Senhorita Pity — começou o homem de terno, sua voz polida e calculada. — Creio que ainda não nos conhecemos. Sou Li Yijun, atual chefe do setor de inteligência da WeiTech Corporation. Estamos aqui por algo que vocês possuem. A garota.

A resposta de Pity foi instantânea e feroz. Ela se levantou num salto, seus olhos ardendo de raiva. — Vá para o inferno! Prefiro meter uma bala na sua cabeça, seu engomadinho! — gritou ela, avançando na direção de Li Yijun.

Mas antes que pudesse chegar mais perto, um choque elétrico percorreu seu corpo, paralisando-a por um segundo. Os olhos do cibernauta ao lado de Yijun piscaram em um tom azul ciano, deixando claro de onde o ataque vinha. Pity cambaleou, mas resistiu. — Filho da... — Ela murmurou, se sentando novamente, ainda tremendo devido ao choque.

Li Yijun permaneceu impassível, sua voz fria e ameaçadora. — Se preza por sua vida, senhorita Pity, recomendo que entregue a garota. Ou, posso garantir que seus neurônios serão fritos aqui mesmo. Sua chefe, Lola, demonstrou bom senso e aceitou nossa proposta.

Os olhos de Pity se voltaram para Lola, transbordando de traição e fúria. Sem pensar, ela se lançou para cima da chefe, mas, antes que pudesse alcançá-la, um novo choque percorreu seu corpo, muito mais forte desta vez. Pity caiu no chão, contorcendo-se em agonia, seus músculos se contraindo involuntariamente. A dor era insuportável, e a consciência logo começou a lhe escapar.

— Levem a garota. — Ordenou Lola, sem erguer o olhar. Sua voz estava fraca, quase resignada. — Ela está com a Magy.

A expressão de Lola era rígida, mas seus olhos a traíam. Havia uma sombra de arrependimento neles, uma compreensão amarga de que, contra uma corporação como a WeiTech, sua vontade e seu poder eram limitados. Mesmo que não quisesse aquilo, havia pouca escolha.

Flávia foi levada da boate sob a vigilância atenta de um grupo de seguranças da WeiTech. Eles não trocaram palavras enquanto a carregavam, e seus movimentos eram precisos, como máquinas bem programadas. A garota, ainda em choque, não ofereceu resistência, seus olhos, grandes e vazios, estavam fixos em um ponto distante, como se a realidade ao seu redor tivesse perdido o sentido.

Assim que desapareceram nas sombras da noite, Flávia nunca mais foi vista. Rumores se espalharam pela cidade de que ela havia sido levada para um dos misteriosos centros de treinamento da WeiTech, localizados em algum ponto esquecido no deserto de São Paulo. Poucos sabiam o que realmente acontecia nesses lugares, e aqueles que ousavam especular falavam em experimentos cruéis e doutrinações implacáveis, moldando crianças em algo mais do que apenas humanos. Flávia se tornou apenas mais uma sombra no rastro sombrio deixado pela ganancia humana, um nome esquecido em meio à poeira e ao silêncio do deserto.